



EXTINÇÃO DAS LÍNGUAS NATIVAS ANGOLANAS: INDÍCIOS DE UMA COLONIZAÇÃO SEMELHANTE A DO BRASIL

Roselene Candida Barroso Mendonça¹
Tamara de Lourdes Alves Sertão²
Maria Clemência Pinheiro de Lima Ferreira³

RESUMO: A participação no III Seminário Internacional de Educação, por meio do Projeto Eduka + Angola, na cidade de Kuito na província do Bié, em janeiro de 2020, possibilitou muitas experiências, as quais instigaram curiosidades diversas, dentre elas o fenômeno de extinção das línguas nativas angolanas, em especial o Umbundu. Este fato despertou o interesse em compreendermos como se deu esse processo, bem como saber se medidas têm sido tomadas para seu resgate. Em meio ao convívio e conversas informais com angolanos participantes do Seminário de Educação, observamos semelhanças com relação ao desaparecimento das línguas nativas brasileiras. Com base nos relatos e na investigação bibliográfica, foi possível constatar que o fenômeno se dá pela imposição da língua oficial do país colonizador em detrimento das línguas vernáculas, o que nos leva a uma reflexão acerca desse fato comum nos países em que houve colonização de exploração.

Palavras-chave: Extinção das línguas nativas. Angola. Brasil.

INTRODUÇÃO

Este relato é fruto da participação na 3ª edição do Projeto Eduka + Angola realizado por meio de uma parceria entre a UniEVANGÉLICA, o Grupo Educacional Chamuanga e a Igreja Evangélica Congregacional de Angola (IECA), ocorrido em janeiro de 2020. O projeto visa a capacitação de professores e o desenvolvimento de atividades lúdico-pedagógicas com crianças daquele país. Além disso, promove aos acadêmicos em formação, oportunidade de crescimento exponencial ao se engajarem na preparação e realização de oficinas pedagógicas, visando a efetiva participação em um seminário internacional de educação, proporcionando, portanto, um intercâmbio transcultural.

Ao vivenciarmos esta experiência, percebemos muitas diferenças, mas também muitas semelhanças entre as culturas brasileira e angolana. Dentre as semelhanças notadas, encontra-se o fato de que a Angola vem passando por um processo de extinção de suas línguas nativas, assim como aconteceu no Brasil.

Dessa forma, o tema deste relato é a extinção das línguas nativas de Angola,

¹Graduanda do curso de Pedagogia da UniEVANGÉLICA. E-mail: roselenecbm@gmail.com;

²Graduada em História pela Universidade Estadual de Goiás e em Pedagogia pela FAESP - Fundação Antares de Ensino Superior e Professora da Rede Municipal de Ensino de Anápolis. E-mail: tamaralvesantos@gmail.com;

³Mestre em Educação pelo Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Educação da PUC-GO, Mestrado Interinstitucional PUC-GO/UNIEVANGÉLICA. Professora da UniEVANGÉLICA nos cursos de Educação Física e Pedagogia. Professora de Educação Física no Colégio Couto Magalhães. E-mail: cle.pinheiroferreira@hotmail.com.



sobretudo o Umbundu (também escrito Umbundo, dentre outras grafias), a segunda língua mais falada contemporaneamente no país⁴, perdendo, em número de falantes, apenas para a Língua Portuguesa. O relato descreve a realidade da extinção gradativa das línguas nativas angolanas com breves comentários sobre tentativas em direção ao resgate destas línguas na escola e, na sequência, tece considerações comparando o fenômeno do desaparecimento de línguas nativas em Angola com o ocorrido no Brasil após a ocupação lusíada.

METODOLOGIA

A fim de que se concretizasse o Projeto Eduka + Angola 3ª edição, foi necessário um período de formação da equipe ao longo do segundo semestre de 2019. Durante esse tempo, participamos de reuniões quinzenais – a maioria na UniEVANGÉLICA – para orientações, tomadas de decisões e organização do Seminário de Educação. Para além disso, os participantes investiram período extenso de estudo e preparo na confecção de materiais pedagógicos a serem utilizados nas oficinas que iriam ministrar.

Em território Angolano, o Projeto teve a duração de 18 dias durante o mês de janeiro de 2020. Inicialmente, em Luanda, por meio de uma parceria com a Igreja Evangélica Congregacional de Angola (IECA), foram ministradas palestras aos coordenadores e diretores ligados às escolas desta congregação, além da realização de atividades lúdicas e esportivas de cunho pedagógico-evangelístico com as crianças da vizinhança. Em seguida, na cidade de Kuito (Província de Bié), em parceria com o Grupo Educacional Chamuanga, foi realizado o III Seminário de Educação Eduka + Angola com o tema “Educar para incluir, incluir para educar: possibilidades e desafios”. Na ocasião, foram realizadas palestras e oficinas, tendo como público-alvo professores e gestores escolares daquele país. Logo depois, nossa equipe se dirigiu a uma comunidade rural localizada no município de Catchiungo (Província de Huambo), onde executamos diversas atividades com as crianças, como teatro, contação de histórias, pintura facial, música e coreografia, além de uma reforma na escola daquela comunidade. Ainda nesta província, cuja capital também recebe o nome de Huambo, realizamos uma versão sintetizada do seminário de educação para outros docentes e diretores de escolas da região.

As experiências vividas durante a atuação no projeto Eduka + Angola 2020,

⁴“A língua étnica com mais falantes em Angola é o Umbundu, falado pelos Ovimbundus na região centro-sul de Angola e em muitos meios urbanos. É a língua materna de cerca de um terço dos angolanos.” (GUEDES, 2016).



geraram diversas inquietações, dentre elas, uma curiosidade quanto do desaparecimento da língua nativa Umbundu. A partir do diálogo com participantes do Seminário de Educação, especificamente uma gestora e dois professores angolanos inseridos em diferentes contextos escolares, os questionamentos tomaram rumo investigativo e foram organizados em forma de relato acadêmico tendo por base uma revisão bibliográfica a qual possibilitou uma análise do tema, considerando e comparando este mesmo fenômeno na realidade brasileira.

O RELATO DE EXPERIÊNCIA

Enquanto estivemos em solo angolano, percorremos algumas províncias desenvolvendo nosso projeto. Nesse percurso, percebemos várias peculiaridades dos nativos, incluindo gratidão por tudo, satisfação em viver e alegria constante. Então, constatamos que uma das formas que aquele povo encontra para expor sua alegria é por meio de canções. Os angolanos tendem a cantar constantemente, e não apenas cantam, mas o fazem com maestria, principalmente canções de cunho religioso. Muitas de suas melodias são cantadas nos idiomas nativos, porém soubemos que, apesar de saberem cantar, a maioria não é fluente nas línguas exteriorizadas, mas grosso modo, compreendem de forma geral seu significado.

Outrossim, angolanos relataram que, nas áreas urbanas de Angola, as línguas maternas têm se perdido rapidamente, visto que, nesse contexto, já há algumas décadas, as famílias adquiriram o hábito de se comunicarem somente na Língua Portuguesa. Assim, apenas as crianças que convivem com seus avós, por exemplo, têm a oportunidade de aprender as línguas raízes por meio da tradição familiar mais remota, pois muitos dos adultos (pais dessas crianças) já não são mais fluentes nesses idiomas.

Por outro lado, observamos que crianças do interior, sobretudo da zona rural, apresentam maior facilidade no processo de aprendizagem da língua nativa, visto que a maioria da população dessas áreas ainda se comunica em Umbundu, além de haver grande número de brincadeiras, canções, jogos e cultos nas igrejas que envolvem a língua nativa no dia a dia. Entretanto, um dos professores relatou que as crianças que chegam do interior do país na capital falando Umbundu, sofrem bullying com frequência; as crianças da cidade se referem a elas com a expressão “*o tão famoso que veio do mato*”.



Um outro professor, de língua materna Umbundu⁵, demonstra quão severamente esta língua foi suprimida em sua infância, posto que sua mãe ensinava os filhos secretamente, enquanto o pai estava trabalhando. Além disso, revela tamanho estigma sobre sua língua nativa ao relatar que “os portugueses a consideravam como *‘língua dos animais’*”.

Em Angola, verifica-se uma grande quantidade das línguas nacionais (fontes divergem entre si, mas este número pode estar entre 20 e 37 línguas, mais a Língua Gestual Angolana – LGA). Sabe-se ainda que, para além das línguas nacionais, o país também possui uma variedade imensa de dialetos locais. Conforme Leite (2015),

Além das línguas nacionais, há centenas de dialetos falados em Angola. Em termos estatísticos, de forma geral, a língua portuguesa é majoritária na capital do país e nos centros urbanos, sendo a mais falada em Angola. As línguas angolanas são usadas em regiões rurais, sendo grande parte dos angolanos bilíngues ou multilíngues. (LEITE, 2015, p.7)

Normalmente, os processos de colonização por exploração praticados ao longo da história em diversos países ao redor do mundo, demonstram a sobreposição da cultura dos colonizadores sobre os povos subjugados, levando inclusive, à aculturação⁶ destes. É o que pode ser constatado em Angola, pois, de acordo com o site oficial do Governo de Angola (2015), “A Língua Oficial é o Português, para além de diversas línguas nacionais (dialectos), sendo as mais faladas: o Kikongo, Kimbundo, Tchokwe, Umbundo, Mbunda, Kwanyama, Nhaneca, Fiote, Nguanguela etc.”

Apesar da grande variedade linguística encontrada no país, é possível perceber a imposição da Língua Portuguesa pelo colonizador português, a qual constitui-se uma ameaça à diversidade. Neste sentido, Leite 2015 (p. 9) afirma que: “...a língua portuguesa tornou-se majoritária em Angola, sendo que a população de falantes de português como língua materna tem crescido na mesma proporção em que muitas línguas angolanas deixam de ser faladas, especialmente em contextos públicos”.

De acordo com Tchimboto (apud SITA, 2019):

A “carga negativa” do tempo colonial associada à utilização das línguas nacionais ainda persiste em muitas famílias de Angola, que preferem que os filhos aprendam apenas português, podendo assim estar comprometida a aprendizagem das línguas nacionais. Muitas famílias receiam que o tempo necessário para aprender a segunda língua, nacional, influencie as restantes

⁵“A Língua Umbundu, de origem bantu, é a língua falada pelo grupo cultural que vive maioritariamente no Centro-Sul de Angola, nas províncias de Benguela, Bié e Huambo, parte das províncias de Kwanza Sul e Huila. Todavia, é também falada por alguns cidadãos em municípios limítrofes com aquelas províncias, para além de a sua presença e influência serem notáveis noutras províncias como nas do Namibe e do Kwando Kumbangu e noutras localidades no país e na diáspora.” (SITA, 2019 p.1).

⁶“Processo pelo qual duas ou mais culturas diferentes, entrando em contacto contínuo, originam mudanças importantes em uma delas ou em ambas.” (OSBORNE, 2012).



atividades dos mais novos, optando apenas pelo idioma oficial. Para muitos angolanos ainda persiste a lembrança da placa de madeira com a inscrição “burro”, colocada aos estudantes mais novos apanhados na escola, no tempo colonial português, a falar Umbundu. Essa carga pesada sobrevive ainda hoje na cabeça de muitos. Temos entre os nossos concidadãos aqueles que olham para o bilinguismo como um defeito, que a competência em duas línguas é um defeito, porque na altura do tempo colonial português a luta era tentar evitar falar Umbundu a todo o custo. Hoje, em público, infelizmente muitos dizem que não se deve usar a língua africana. (TCHIMBOTO apud SITA, 2019, p. 34)

O autor descreve repercussões da colonização portuguesa, a qual acabou por ferir a identidade cultural do povo angolano. Assim como no Brasil, a língua oficial do país passou a ser aquela do colonizador causando, portanto, grande declínio do uso das línguas nativas.

Neste sentido, fomos instigados a saber sobre o resgate das línguas originais, uma vez que ações desta natureza, podem contribuir para aumento da estima e da valorização das raízes históricas de Angola.

Em razão disto, questionamos se os profissionais da educação têm alguma iniciativa que contribua com o resgate das línguas vernáculas do país. Os professores disseram que dentro de suas escolas, procuram estimular os estudantes a praticarem suas línguas, principalmente via canções e, em alguns casos, por meio de pesquisas feitas com seus familiares, as quais depois são levadas à sala de aula para serem compartilhadas com a classe, inclusive, como forma de resgate da origem familiar por meio de análise do sobrenome do aluno, pois este sempre tem raiz na língua nativa. Ademais, tentam debater o assunto em seus sindicatos e levar às autoridades políticas o projeto de implementação das línguas maternas nas escolas do país.

Sita (2019) referindo – se ao Umbundu, afirma que a diminuição paulatina do ensino dos idiomas às crianças angolanas, adolescentes e jovens, pode vir causar o seu desaparecimento. Neste sentido, descreve que o governo de Angola tem buscado implementar novas estratégias em direção contrária:

A iniciativa do Governo angolano de inserir as Línguas Nacionais no Ensino Primário (Decreto nº40/85 de 18 de Novembro, do então Conselho de Defesa e Segurança) é digna de encômios, porquanto o conhecimento das línguas locais ou nacionais leva ao aprofundamento científico e das relações entre as diversas nações, concebidas como etnias, e leva também ao desenvolvimento económico, cultural e social, seja do povo utente da língua seja de outros povos que a ele se abrem numa partilha de conhecimentos, de amizade, do poder e do saber. (Sita, 2019, p. 1)

Entretanto, apesar do reconhecimento sobre a importância das línguas nacionais e a urgência em preservá-las, os professores mencionaram que o interesse das famílias tem sido grande para o estudo de línguas estrangeiras, devido à supervalorização da



cultura externa em relação à própria, sendo que, principalmente em instituições privadas, o interesse maior esteja no ensino da língua inglesa.

RESULTADOS

Ao analisarmos este declínio das línguas vernáculas angolanas, nos deparamos com grande semelhança ao aniquilamento linguístico ocorrido no Brasil após a colonização, posto que, antes da chegada dos portugueses havia neste país uma variedade significativa de línguas nativas. Conforme Rodrigues (1993), no século XVI, o número de línguas existentes em território brasileiro era de 1078. No entanto, atualmente este número reduziu para cerca de 180 línguas, o que demonstra uma perda de mais de 80% e que, segundo o autor, significa que "...a colonização portuguesa foi particularmente destrutora de línguas e povos." (RODRIGUES, 1993, p. 93).

Portanto, na medida em que o uso da Língua Portuguesa avança como língua oficial imposta em Angola – sendo o idioma prestigiado nos centros urbanos, repartições públicas e escolas – as inúmeras línguas nacionais e dialetos vão perdendo força e deixando de ser utilizados cada vez mais.

Ao longo do relato é possível notarmos que há interesse tanto do Governo angolano quanto das instituições escolares em elaborar estratégias para o resgate das línguas maternas, em especial o Umbundu, sendo que, todo processo vai além de um resgate linguístico. Trata-se de um resgate cultural, de memórias e tradições familiares que os próprios professores fazem questão de recuperar por meio da elaboração de diferentes recursos e estratégias pedagógicas.

Fazem-se necessários maiores debates e ações, inclusive com participação efetiva de professores, acerca da importância de se resgatar e preservar as línguas nativas angolanas, especialmente o Umbundu, levando em consideração a valorização dos próprios aspectos culturais e sociais.

Constatamos que o mesmo processo de supressão linguística experimentado no Brasil também acomete Angola, o que revela o poder do colonizador sobre os povos subjugados, deixando ainda em evidência uma hegemonia do eurocentrismo sobre as demais etnias.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação na 3ª edição do Projeto Eduka + Angola 2020 nos trouxe a compreensão de que, apesar das diferenças culturais e linguísticas entre Angola e Brasil, é possível estabelecermos uma comparação do processo de extinção da língua materna e seus impactos sociais e culturais na sociedade.

Também foi importante analisar a preocupação de alguns profissionais da educação com relação ao resgate das línguas nativas, a fim de que elas não se percam, como ocorreu com tantas outras culturas nas mais diversas realidades das civilizações antigas, sobretudo em função do que foi determinado ou imposto oficialmente como 'correto', em razão de uma convenção social. Assim como afirma Gomes (2014, p. 146) "Quando povos supostamente mais poderosos se encontram com povos ditos minoritários, prevalece a língua do mais forte e ameaça ao desaparecimento as chamadas línguas minoritárias, colocando em jogo os conceitos de nação e identidade". Esta é uma das consequências da colonização por exploração, realidade vivida tanto no Brasil quanto em Angola.

Apesar de tantas barreiras e preconceitos, percebemos alguns esforços para a preservação linguística em Angola, sendo que a escola tem um papel fundamental neste sentido, sobretudo preservando também a cultura do povo angolano em sua heterogeneidade.

REFERÊNCIAS:

ANGOLA. **Portal Oficial do Governo da República de Angola**. 2015. Disponível em: <http://www.governo.gov.ao/opais.aspx>. Acesso em: 18 mar. 2020.

GUEDES, Maria Helena. **As praias de Manjubinha**. 1 ed. Vitória-ES, 2016.

GOMES, Silvestre Filipe. **Relações entre língua oficial e línguas locais na escola: como as crianças de aldeias de Cabinda /Angola aprendem o português e em português**. Orientadora: Dra. Aracy Alves Martins. 2014. 155f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte: FaE/UFMG, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/BUOS-9N5LDM/1/disserta__o_para_in_cio_imprimir.pdf. Acesso em 08 abr. 2020.

LEITE, Ilka Boaventura. **Línguas atuais faladas em Angola: entrevista com Daniel Perez Sassuco**. Florianópolis: NUER – Núcleo de Estudos de Identidades e Relações Interétnicas, 2015. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/126236/Textos%20e%20>



Debates%20No%2013.pdf?sequence=14&isAllowed=y. Acesso em: 02 abr. 2020.

OSBORNE, Richard. **Dicionário de Sociologia**. Rio de Janeiro, 2012. Disponível em: <https://www.scribd.com/document/7771703/Richard-Osborne-Dicionario-de-Sociologia-PDF>. Acesso em: 18 mar. 2020.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. Línguas indígenas: 500 anos de descobertas e perdas. **D.E.L.T.A: Documentação e estudos em linguística teórica e aplicada**, vol. 9, n. 1, 1993. Disponível em: <http://200.144.145.24/delta/article/view/45596>. Acesso em: 23 mar. 2020.

SITA, Francisco. **A língua umbundu no ensino primário em Angola**: uma abordagem ecológica do currículo escolar. Orientadora: Maria de Lurdes Dias de Carvalho. 2019. 177 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Educação) – Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga-Portugal, 2019. Disponível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/62119/1/Francisco%20Sita.pdf>. Acesso em: 18 mar. 2020.